

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

JUSSARA FELIX DA SILVA

JATOBÁ: RAÍZES DE UMA HISTÓRIA
(DOCUMENTÁRIO)

Natal, 2022

JUSSARA FELIX DA SILVA

JATOBÁ: RAÍZES DE UMA HISTÓRIA
(DOCUMENTÁRIO)

Relatório técnico de trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora doutora Maria do Socorro Furtado Veloso, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Natal, 2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Silva, Jussara Felix da.

Jatobá: raízes de uma história (documentário) / Jussara Felix da Silva. - 2022.

53f.: il.

Relatório técnico (graduação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Furtado Veloso.

1. Comunidade Rural. 2. Jatobá. 3. Histórias de Vida. 4. Documentário. 5. Relatos. I. Veloso, Maria do Socorro Furtado. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 070

JUSSARA FELIX DA SILVA

JATOBÁ: RAÍZES DE UMA HISTÓRIA
(DOCUMENTÁRIO)

Relatório técnico de trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora doutora Maria do Socorro Furtado Veloso, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Trabalho apresentado e aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra Maria do Socorro Furtado Veloso (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Prof. Dra. Mirian Moema Filgueira Pinheiro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Jornalista Iano Flávio de Souza Maia
Museu Câmara Cascudo - UFRN

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá.

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

(Gonçalves Dias)

AGRADECIMENTOS

Lembro que quando propus esta ideia à professora Socorro Veloso, ela ficou receosa da quantidade de trabalho para executar em tão pouco tempo e ainda pior, sozinha. Porém garanti, com meu jeito inseguro de ser, que conseguiria. Não sei se ela teve certeza naquele momento; nem eu tinha. Por isso, agradeço a confiança e por ser inspiração desde o início do curso.

Não só neste trabalho, mas foram muitas as adversidades e desafios encontrados ao longo do caminho, nestes 5 anos em busca da graduação em jornalismo. Caminho este percorrido de diversas formas: carro, moto, ônibus, a pé.

E eu não poderia chegar até aqui sem o apoio e incentivo de muitas pessoas incríveis, que agradeço a seguir...

Primeiramente agradeço a Deus, por realizar planos em minha vida que nem eu mesma acreditava serem possíveis.

À minha família, por ser a melhor que eu poderia ter.

À minha mãe, dona Tereza, que foi a principal fonte e grande inspiração de tudo.

À Jailma, por me incentivar a fazer esse curso desde a inscrição no Sisu, e por doar todo seu talento nos versos do cordel que narram este documentário.

À Viviane, por ser abrigo e segurança em todos os momentos, e Jair por enfrentar estradas horríveis para me ajudar nesta empreitada.

À Danielle, por fazer companhia durante algumas entrevistas e ajudar sempre que possível.

A Afrânio Patrício, por fazer as imagens de drone sem cobrar um único real .

A Ciro Pedroza e toda equipe do TRT-RN, que me ensinaram muito sobre jornalismo e assessoria de comunicação .

Com certeza, à equipe da TV Universitária, a casa onde descobri o fascínio pelo telejornalismo e aprendi as técnicas empregadas neste trabalho .

A lista poderia continuar por muitas páginas, mas o princípio da objetividade nos trabalhos acadêmicos não permite; portanto, garanto que guardo no coração a gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram nesta jornada.

Por tudo, muito obrigada!

RESUMO

Jatobá: raízes de uma história é um documentário que faz uma viagem no tempo para contar a história de uma comunidade rural muito rica em memórias, localizada no interior do Rio Grande do Norte, mas que com o passar do tempo está se desfazendo e corre o risco de desaparecer. Os fatos são contados do ponto de vista das personagens principais: os moradores mais antigos, que buscam compreender o que levou Jatobá a deixar de ser um lugar próspero e feliz para se transformar num lugar “sem vida”.

Palavras-chave: Documentário; histórias de vida; comunidade rural; Jatobá.

ABSTRACT

Jatobá: roots of a history is a documentary that travels back in time to tell the story of a rural community very rich in memories, located in the interior of Rio Grande do Norte, but which over time is falling apart and is in danger of disappearing. The facts are told from the point of view of the main characters: the oldest residents, who seek to understand what led Jatobá to stop being prosperous and happy to become a “lifeless” place.

Keywords: Documentary; Life stories; rural community; Jatobá.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Área rural do município de Nova Cruz	8
Mapa 2 - visão ampliada do sítio Jatobá	9

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Terezinha e família, primeira pessoa à esquerda	20
Figura 2 - Irene e Dimas Guedes	21
Figura 3 - Antônio Guedes treinador do saudoso time Grêmio	22
Figura 4 - Joel Fernandes em sua residência	24
Figura 5 - “Braz muito feliz no dia que completou 18 anos (1970)”	25
Figura 6 - Braz Orrico e esposa após entrevista	26
Figura 7 - Bitá, professora.....	29
Figura 8 - Frame da entrevista com Regina Francisco.....	30
Figura 9 - Eliza Casado Alves em frente à residência	32
Figura 10 - Antonio de Sousa Agente Comunitário de Saúde.....	34
Figura 11 - Imagem ilustrativa de um pé de jatobá	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Metodologia	12
2. CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA	15
2.2 História do Jatobá	18
3. O GÊNERO DOCUMENTÁRIO	21
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	24
4.1. Os personagens	25
5. RELATO DA EXPERIÊNCIA	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A	48
APÊNDICE B	52

1. INTRODUÇÃO

Antes de sonhar em cursar jornalismo, esta estudante já era apaixonada por histórias de vida e estórias com “e”, contadas por pessoas mais vividas, conversando nos terreiros ou no batente da porta. Esse entusiasmo de criança curiosa se materializa neste trabalho, que já vem planejado desde a infância, quando ocupava minha mãe por horas, depois do café da manhã, fazendo perguntas sobre o passado: “Quem morou aqui antes de nós? ”, “quem fundou o Jatobá? ”, “Porque esse lugar se chama Jatobá? ”. E foi em busca dessas respostas que executei esta pesquisa.

Todavia, este trabalho se baseia também em documentos que remontam à fundação do município de Nova Cruz, a fim de descobrir como ocorreu o surgimento e anexação da comunidade ao território da cidade. Sendo assim, o fiscal da secretaria de infraestrutura de Nova Cruz, João Maria da Costa, concedeu uma entrevista para esclarecer essas questões.

A comunidade rural de Jatobá, pertencente ao município de Nova Cruz/RN, precisa preservar suas memórias coletivas para manter viva sua história. Portanto, buscamos a partir deste trabalho experimental retratar a história desta localidade através do relato de seus moradores.

O planejamento deste documentário¹ inclui pesquisa sobre a literatura de cinema, mas especificamente, autores que estudam o roteiro de documentário, como Sérgio Puccini, escritor e especialista no estudo do cinema, e Doc Comparato, renomado dramaturgo brasileiro.

Inicialmente, aconteceu a elaboração do pré-roteiro contendo a sinopse, definição dos personagens, detalhes técnicos e a escaleta (sequência de cenas). Essa definição aconteceu aliada à apuração da pesquisa e pré-entrevistas, simultaneamente.

Esta fase foi uma das mais demoradas e difíceis, pois como estudante de jornalismo tive o primeiro contato com a criação de roteiros e documentários a partir deste trabalho. Por outro lado, já conhecia a história da comunidade e os problemas enfrentados pelos moradores, na medida em que faço parte deste grupo, desde que nasci.

O interesse inicial sempre foi contar a história, e como em todo texto escrito, é preciso definir começo, meio e fim para a narrativa. No caso das produções

¹ Acesse o documentário através do link <https://drive.google.com/file/d/13RqwOslxuA5YTpivVtBPv2Ev8feS84zT/view?usp>

audiovisuais existe também a necessidade de identificar um conflito, que funciona como uma breve síntese da narrativa e vai nortear toda a trama, seja ela ficção ou não (COMPARATO, 2009).

Identifiquei que uma afirmação fazia parte do vocabulário de muitos moradores nas conversas iniciais, a ideia de que a comunidade poderia acabar sem moradores, já que os atuais são em grande parte idosos, e os jovens estão migrando para as cidades. Portanto, veio a interrogação “Jatobá pode mesmo acabar?” Essa pergunta esteve presente em todas as entrevistas, e teria sido mais explorada na entrevista com um historiador, porém as fontes contatadas não se sentiram à vontade para falar do tema. O motivo alegado foi que o assunto era muito específico e necessitava de pesquisas acadêmicas para sustentar possíveis alegações.

Partindo deste questionamento, a *story line*, definida por Doc Comparato como “a condensação do nosso conflito básico cristalizado em palavras” (COMPARATO, 2009, p. 29) estava pronta: o documentário conta a história de uma comunidade rural no interior do Rio Grande do Norte que se encaminha para o desaparecimento. Mas, afinal, Jatobá vai acabar?

Feito isso, ficou definido que a narrativa seria dividida em eixos temáticos: origem do povoado; contexto da educação, costumes e trabalho e a pergunta que define a peça: “Jatobá vai acabar?” Dessa forma, os fatos ficaram organizados como em blocos de um programa de televisão.

Mas sem a presença do intervalo entre eles, havia a necessidade de amarrar todos os blocos de maneira que facilitasse a compreensão dos espectadores, como um resumo anterior ou posterior do que seria apresentado. Por isso optei por usar a narração ou *voz over*, recurso que, segundo Comparato, é como se existisse um narrador “uma espécie de cronista e se emociona ao contar a história, principalmente quando ele é um dos vetores dos acontecimentos e a trama se desenvolve sob seu ponto de vista” (COMPARATO, 2009, p.169).

Mas para fazer essa narração optei por fugir da prosa, esta que já estava presente em todo diálogo, e encomendei um cordel a uma das pessoas que mais contribuiu para a execução de todo este trabalho, a cordelista Jailma Felix, que também era moradora do lugar e minha irmã.

O cordel ficou estruturado levando em conta o conteúdo das entrevistas e o conhecimento prévio de Jailma. As 25 estrofes foram reordenadas durante a edição

para atender ao roteiro, e prender a atenção do espectador colocando o conflito no início, o desenvolvimento da história no meio e por fim, a resposta para a dúvida lançada no começo.

1.1 Metodologia

Levando em consideração a pouca literatura específica para a história da comunidade de Jatobá, no que diz respeito a documentos historiográficos do município. Foram usados como método de investigação os princípios jornalísticos de apuração e entrevista. Esta última teve como principais fontes os próprios moradores locais, visto que, são os maiores conhecedores da história do povoado. Para isso, foram realizadas entrevistas no padrão televisivo com a captação de imagens e som.

Além disso, uma etapa importante na definição da abordagem foi a pesquisa bibliográfica em livros e artigos que tratam dos tópicos presentes na construção da pesquisa. Somadas a busca por documentos oficiais como decretos, leis, e outras fontes de natureza legislativa que nos permitiriam entender como se dá o processo de constituição de uma comunidade rural, e como são tratadas em relação às áreas urbanas do município.

Existem alguns livros e teses que falam sobre a lenda que deu nome à cidade de Nova Cruz, mas a maioria trata apenas da zona urbana, portanto não apresentaram muitas contribuições para este trabalho. Padre Normando Pignataro escreveu *Nova Cruz: mito e história* (2005), um livro onde ficção e realidade se misturam de maneira fantástica, a lenda da Anta Esfolada que deu nome a cidade por muito tempo, ganha uma explicação ligada aos primeiros colonizadores da região Agreste do estado, indígenas e portugueses.

O padre também relata a chegada de Italianos à cidade, em 1888, fato que corrobora com o depoimento de um dos entrevistados, Braz Orrico, um dos descendentes da família estrangeira. Continua a obra discorrendo sobre o contexto político e social do município, mas não dedica nenhum espaço a zona rural, que permanece assim como em outros livros consultados, invisível.

Moura e Lopes (2016), classificam a revisão bibliográfica como a fase de apoio à formulação da questão substancial da pesquisa. Pois, pesquisando em trabalhos anteriores sobre seu objeto de pesquisa, o pesquisador pode compreender o campo sobre o qual se propõe estudar e construir hipóteses assertivas. Assim,

A consulta bibliográfica preliminar serve para dar ao pesquisador a certeza da existência de material disponível e acessível que permitirá atingir os objetivos específicos estabelecidos. Possibilita a construção do problema de pesquisa e uma visão geral e atual da temática a ser trabalhada (MOURA e LOPES, 2016, p.137)

A partir da leitura dos livros que se destinam a narrar o surgimento de Nova Cruz, vendo também o quanto a zona rural é deixada de lado neste contexto, tive mais certeza da importância de tal trabalho, que pretende fortalecer o sentimento de pertencimento numa população tão relegada.

De acordo com Lage (2005), as entrevistas adquirem classificações a depender das circunstâncias e objetivos. No caso deste trabalho, onde o intuito era obter informações sobre a comunidade, as entrevistas classificam-se como temáticas, pois abordam um tema “sobre o qual se supõe que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer. Geralmente consistem na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos.” (LAGE, 2005, p.32). Mas também são de caráter testemunhal visto que se referem ao “relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu.”

Dentro da fase de produção prática do produto, foi realizada a elaboração do argumento; roteiro de cenas; escolha dos personagens, que equivalem aos atores na ficção; além de toda produção fílmica, ou seja, marcação de entrevistas, preparação de equipamentos e alocação de cenários.

Com o material produzido, deu-se início a pós-produção, fase onde ocorre a decupagem das entrevistas e criação do roteiro final do documentário. Cujas execuções se baseiam na seleção das cenas e falas fundamentais aliadas aos demais detalhes técnicos de projetos audiovisuais, como trilhas sonoras e efeitos visuais.

Contudo, por fim, a etapa de finalização compreende a edição do material, que no nosso caso realizou-se no programa Wondershare Filmora X, um software que permite a colagem de fotos, vídeos e áudios.

As etapas do processo de produção foram divididas em três: pré-produção, execução e edição. Descritas como as fases de pesquisa documental, as entrevistas e, por fim, a separação e montagem do material. As etapas seguiram a respectiva

ordem exposta observando o que diz a literatura a respeito de roteiro de documentários.

De acordo com Puccini (2009), a proposta do filme é resultado da pesquisa prévia, instrumento que garante a orientação das filmagens, e serve para convencer os patrocinadores ou produtores a comprar a ideia, cuja leitura para este trabalho traduz-se no envio do projeto de pesquisa para a professora orientadora.

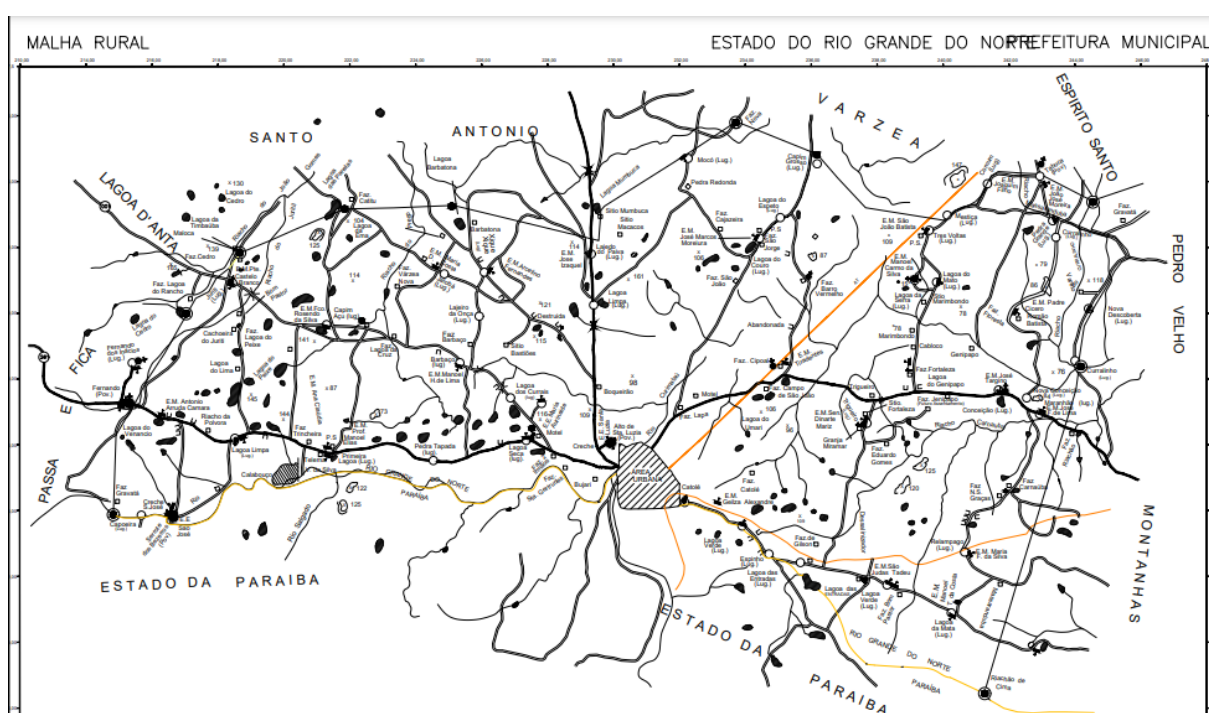
O trabalho da escrita do filme no papel não se encerra com a aprovação da proposta. Por sua forma concisa, a proposta serve como instrumento para organizar a produção de um documentário. É preciso detalhar o conteúdo do filme para que então se possa fazer um correto levantamento das necessidades da produção. (PUCCINI, 2009, p. 08)

Para alguns documentaristas, a pré-produção não é necessária, visto que o objetivo é exatamente a surpresa do primeiro encontro do entrevistado com a câmera, e o impacto disto é o resultado esperado, sendo resultado da opção pelo modo observativo de fazer (NICHOLS, 2005). Por outro lado, as pré-entrevistas ajudam a evitar problemas futuros e facilitam o planejamento da produção

São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado. (PUCCINI, 2009, p. 10).

2. CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA

Popularmente conhecida como “Rainha do Agreste”, a cidade de Nova Cruz, localizada na Microrregião Agreste Potiguar, fica distante aproximadamente cem quilômetros de Natal, capital do Rio Grande do Norte, e tem uma população estimada em pouco mais de 37,5 mil habitantes (IBGE, 2021). Em 2010, possuía uma densidade populacional de 128 hab/km², sendo que em torno de 31% desses habitantes residia em áreas rurais.



Mapa 1 - Área rural do município de Nova Cruz. Fonte: Secretaria Municipal de Infraestrutura de Nova Cruz

Partindo dessas informações acerca do município, este trabalho buscou retratar em um documentário a história de uma das comunidades rurais que compõem o território de Nova Cruz, o Sítio Jatobá. A localidade e suas especificidades, as dificuldades da vida no campo, aspectos demográficos e sobretudo os traços culturais que caracterizam o local farão parte da narrativa audiovisual resultante.

Com pouco mais de cem pessoas vivendo em seu território, atualmente, o sítio Jatobá é uma das 54 comunidades rurais que compõem o município de Nova Cruz, possui aproximadamente 2,5 km² de extensão e fica a 12 km de distância da área urbana.

com dessalinizador, quebrou e não mais foi consertado; a escola de ensino fundamental I fechou e a possibilidade de instalação de uma Unidade Básica de Saúde da Família fracassou.

Existia a promessa de instalação do posto de saúde para atender a área que compreende Jatobá e outras quatro comunidades menores em termos de população em geral. Os moradores contam que os tijolos da construção chegaram a ser colocados no terreno escolhido inicialmente, no entanto, por fim, a comunidade de Xique-Xique foi escolhida para acolher a unidade por ter um número maior de crianças, esse foi o argumento usado pelas autoridades municipais à época. E repetido pelo fiscal da infraestrutura do município, João Maria, durante a entrevista, por ocasião deste trabalho.

A Escola Municipal Dezuíta Maria da Costa, construída na década de 1970 para atender Jatobá e comunidades vizinhas, foi extinta oficialmente em agosto de 2021, após mais de dez anos paralisada devido à baixa demanda de alunos. No decreto municipal nº 108/2021 o gestor municipal alegou amparo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para o fechamento de vinte e uma escolas do campo. Dentre os argumentos estão a deterioração dos prédios e o remanejamento dos alunos para outras unidades de ensino. Desde a desativação da escola, as crianças do Jatobá passaram a estudar no Xique-Xique, comunidade vizinha, e a prefeitura disponibiliza o transporte escolar.

Em 2022, são em torno de 120 pessoas vivendo na comunidade com uma média de três pessoas por residência, sendo um quarto desta população, idosos. A baixa densidade populacional, somada a outros fatores sociais foram alguns dos temas abordados durante as entrevistas com moradores para a produção do documentário, razão principal desta pesquisa.

Portanto, tentar esclarecer os motivos que levaram Jatobá a encolher ao longo do tempo, e perder totalmente o ritmo de crescimento, além de fortalecer o sentimento de pertencimento dos jatobaenses pela comunidade são alguns dos objetivos centrais que motivaram a criação do documentário Jatobá: raízes de uma história.

Trata-se de uma produção com 23 minutos de duração, que busca costurar os relatos dos moradores a respeito da trajetória da comunidade ao longo de mais de um século de existência. São histórias de vida de nove pessoas que juntas formam a memória coletiva da comunidade.

É por entender de perto o quanto a falta de políticas públicas efetivas direcionadas ao campo afeta a autoestima dos cidadãos residentes em áreas rurais, que procuro a partir deste documentário resgatar a identidade da minha comunidade através da memória coletiva dos moradores.

2.2 História do Jatobá

Na obra *nomes da terra* (1968), Câmara Cascudo definiu Jatobá como

Serrote em Serra Negra do Norte e Pau dos Ferros. Lugar em Augusto Severo, S. Antônio e Angicos. Data-285, 1731, olho-d'água do JATOBÁ. Data-315, 1733, poço do JATOBÁ na Ribeira do Apodi. De iat-ibá, o fruto do iatai. Iat-ibá é contrato de ia-tai ibá (TS). *Hymenaea courbaril*, Linn. De sua resina, Jutaicica, os indígenas envernizaram a louça. Fruto comestível, em polpa esfarinhada e doce. E o Jataí do Sul.

O folclorista certamente não teve conhecimento sobre a existência do povoado no interior de Nova Cruz, pois, no ano de publicação da primeira edição do livro já havia moradores na localidade conhecida por Jatobá, zona rural do município. Afirmação comprovada a partir das entrevistas com moradores maiores de 70 anos.

De acordo com o relato dos entrevistados, existia num passado muito distante um pé de Jatobá, nas proximidades do terreno onde se encontra o prédio da escola da comunidade. Árvore nativa da Amazônia, cerrado e da Mata Atlântica, bioma presente em parte do litoral do Rio Grande do Norte (IBGE), o jatobá que possivelmente deu nome à localidade nunca foi visto, é apenas “conversa de ouvi dizer”, como disse Terezinha durante a entrevista. E talvez isso seja mais uma consequência da constante degradação dos biomas brasileiros.



Figura 11 - Imagem ilustrativa de um pé de jatobá. Fonte:

<http://www.klimanaturali.org/2011/06/jatoba-hymenaea-courbaril.html>

Embora a árvore nunca tenha sido vista nem exista mais na comunidade, o nome permanece sem que se saiba quem o designou. Tampouco quando foi oficializado no município como localidade, porque de acordo com João Maria, fiscal da infraestrutura, os registros de criação das comunidades não existem mais, já que foram criados há mais de cem anos, “na época em que Nova Cruz era administrada por interventores”.

O que se sabe é que por volta de 1900 já havia moradores nessas terras. Não se sabe o número exato, mas de acordo com os relatos em alguns períodos eram mais, em outros menos. E, apesar de essa quantidade vir diminuindo com o passar dos anos, nunca deixará de existir, porque sempre que uma geração se for, ficará outra e assim sucessivamente.

Jatobá de um povo resiliente, duro como a casca de seu fruto, traduzindo pela origem da palavra na etimologia tupi, é um pequeno sítio onde vivem pouco mais de cento e vinte pessoas, atualmente. População formada em boa parte por agricultores aposentados ou em atividade.

A economia é formada pela agricultura e pecuária. Sua extensão territorial é constituída por quatro fazendas, que juntas ocupam metade do território total, o restante é composto por pequenas propriedades herdadas de pais e avós, que também moraram ali.

Ficaram guardados na lembrança dos entrevistados as manifestações folclóricas do boi de reis, João Redondo, cavalhadas, cantorias de viola e tradições religiosas como os terços do mês mariano. Todas existentes no passado da comunidade, que já foi unida e muito animada.

3. O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

Um dos gêneros do audiovisual que tem se popularizado muito nas últimas décadas, para além das telas em que comumente se apresentavam, os telões de cinema ou mesmo a televisão, o documentário também se adaptou à internet e suas particularidades, principalmente na categoria de minidoc, quando a duração fica entre 2 a 25 minutos.

A utilização deste gênero como forma de contar histórias é muito comum quando buscamos retratar algo mais próximo do que chamamos de realidade (RAMOS, 2008), em contraposição aos filmes de ficção. Mas além disso, o formato possui versatilidade e características que agradam os mais diversos públicos.

Para Ramos (2008), um dos elementos que diferenciam um filme não ficção do de ficção, por exemplo, é o desprendimento do tempo histórico, visto que o documentário tenta estabelecer marcos temporais. Em outras palavras, os documentários geralmente narram fatos ou acontecimentos de uma época de acordo com a intenção do autor, enquanto um filme de ficção nem sempre tem esta pretensão.

O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um star system estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. (RAMOS, 2008, p.25)

O surgimento do documentário está intimamente ligado à origem do cinema em geral, pois os primeiros filmes da história, "A Saída dos Operários da Fábrica Lumière" e "A Chegada do Trem na Estação", retratam um pedaço da história da humanidade em menos de um minuto, mesmo sem nenhuma voz ou narrador. Isso evidencia que as diferenças e divisões semânticas entre ambos são muito frágeis.

Bill Nichols, outro entusiasta no estudo do gênero, defende que "nenhum documentário é desprovido de ideologia, ele sempre intervém no que é representado, afirmando 'qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões'" (NICHOLS, 2005, p. 30).

Portanto, sem pretensões de realizar um produto isento, tão pouco livre de opinião, este trabalho, além de historiográfico e testemunhal, também pode ser classificado como “participativo”, porque usa como método principal a entrevista.

Seguindo o mesmo pensamento, Melo (2002) compara o documentário à prática jornalística pelo fato de ambos buscarem interpretar e descrever o mundo a partir da experiência coletiva. “As informações obtidas por meio do documentário ou da reportagem são tomadas como ‘lugar de revelação’ e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa” (MELO, 2002, p.28). E evidencia que ambas são “sempre resultado de um trabalho de síntese, que envolve a seleção e a ordenação de informações”. Sendo assim,

tanto nas narrativas pessoais como nas jornalísticas, o sujeito-autor cria uma situação nova a partir de um fato que já passou. Essa situação nova não é um espelho fiel da realidade, mas sua representação. Dessa forma, mesmo configurando-se como um discurso sobre o real, documentários e reportagens não são reflexos, mas construções da realidade social. Ou seja, no documentário ou na reportagem não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos (MELO, 2002, pág. 28)

Desta maneira, a escolha do documentário ao invés da reportagem se baseia na ideia de que o documentário oferece a possibilidade de distanciamento do repórter, sem a necessidade de isenção total. Contudo, não depende da estrutura usual das produções jornalísticas com presença de off, sonora e passagem, além da maior liberdade em relação ao tempo.

A busca por documentar o retrato de uma época, narrar histórias partindo da visão de personagens reais, entre outras possibilidades que o documentário favorece são algumas razões para ser esse o formato escolhido. Além disso, possui uma linguagem acessível para os mais diversos públicos, visto que o audiovisual oferece a vantagem de usar áudio e vídeo ao mesmo tempo.

A produção de um documentário mais extenso permite a exploração do tema de maneira mais completa e maior aprofundamento, que neste trabalho de conclusão de curso precisou ser objetivo e prático, por isso teve a duração final resultando em um curta-metragem.

Dentre os principais modos definidos para o gênero por Bill Nichols (2005) no livro Introdução ao documentário, *Jatobá: raízes de uma história* se aproxima mais do

tipo participativo, pois carrega a vivência e participação ativa desta autora na construção dos acontecimentos, enquanto moradora da comunidade, que dá nome ao trabalho, desde o nascimento até os dias atuais.

No entanto, Nichols deixa claro que um filme não necessariamente precisa atender a um único modo. Desta forma, o objeto deste trabalho se caracteriza também como expositivo, no que se refere a forma como a narrativa é desenvolvida, dando ênfase ao conteúdo. Mas também seria performático, que segundo a definição do autor, é quando o documentarista tenta mostrar sua visão a respeito de um tema sem pretensões com a verdade absoluta.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Jatobá: raízes de uma história traz depoimentos e fotografias do passado de uma comunidade que viveu tempos de glória numa trajetória de ascensão até o final do século XX, mas desde então se mantém como um lugar “sem vida”, como disse uma das entrevistadas. Ou ainda, é “mais um que já teve” como no verso do cordel, que narra sua história.

Para realizar a produção audiovisual foram utilizadas uma câmera DSLR NIKON D3100 equipada com tripé e um iluminador anel led para gravações em ambiente interno. Como este modelo não possui entrada para microfone, a captação do som foi realizada separadamente com o uso de um microfone de lapela omnidirecional, que capta o som vindo de todas as direções, conectado ao smartphone.

Após a realização das entrevistas cada uma teve o áudio e vídeo sincronizados já no programa de edição Wondershare Filmora X. Somente após esta etapa realizou-se a decupagem jornalística do material, processo que compreende o recorte dos trechos do vídeo que serão usados na edição. Dado o volume bruto de 3 horas e 30 minutos de material, esta etapa levou em torno de três dias para ficar pronta.

Quanto a questões ligadas a linguagem da câmera houve poucas variações de planos, ângulos e movimentos devido à falta de equipamentos adequados que proporcionassem uma boa experiência. Como é o caso do movimento de aproximação, que na câmera Nikon não oferecia a fluidez adequada.

A maioria das entrevistas teve como configuração o primeiro plano e plano médio, pois denotam intimidade. Enquanto algumas imagens de apoio da comunidade foram em plano geral. Houve ainda as imagens panorâmicas feitas com drone, usadas para situar o objeto principal no espaço (COMPARATO, 2009).

Algumas fotografias exibidas ao longo do documentário foram feitas usando o smartphone, porque a câmera usada para filmagens não apresentou qualidade satisfatória quando usada para fazer fotos de outras fotos. Inclusive, alguns presentes neste relatório tiradas ao final das entrevistas foram feitas com um celular Motorola modelo 5g.

4.1. Os personagens

Os profissionais tidos como fontes oficiais em produções jornalísticas geralmente são pesquisadores, autoridades, gestores, professores entre outros. Essas entrevistas servem para esclarecer ou confirmar o que é dito ao longo do texto. Um historiador poderia iluminar a questão que norteou o documentário, além de explicar possíveis origens para o povoado e levantar hipóteses para a situação em que se encontra a comunidade. Mas não foi possível conseguir a entrevista em tempo hábil.

Nas idas e vindas à prefeitura e câmara municipal de Nova Cruz em busca de informações e documentos que pudessem nortear a pesquisa me deparo com o contato de um fiscal da infraestrutura, indicado por um vereador. Um senhor que trabalha há mais de trinta anos no cargo e conhece toda a cartografia do município. Após diversas viagens sem sucesso aos órgãos municipais, enfim, encontrei a fonte que poderia explicar os motivos para a desassistência da comunidade quanto a políticas públicas.

A Secretaria de Infraestrutura é responsável pela execução e planejamento de projetos para a cidade como um todo, por isso, o fiscal pode explicar porque Jatobá, diferente de outras comunidades rurais, não têm calçamento, nem água encanada, praça ou outros equipamentos públicos.

Durante a entrevista, o senhor João Maria não hesitou ao ser questionado e respondeu que a escolha de uma comunidade em detrimento de outras obedece alguns critérios, entre eles, o principal é a quantidade de pessoas morando no lugar. Mas também advertiu que com o plano de saneamento básico do município, documento que está sendo preparado desde 2017, tanto a zona urbana como rural serão contempladas com melhorias na infraestrutura.

Ainda explicou que Nova Cruz tem 54 comunidades rurais, sendo que elas estão representadas no mapa municipal, mas não há nenhum tipo de conhecimento sobre a extensão desses locais, nem sobre a quantidade de moradores. A respeito de documentos que deram origem e oficializam a existência dessas áreas, o fiscal argumentou que esses registros têm mais de cem anos e por isso não existem mais.

Logo, não foi possível precisar desde quando a região é povoada, nem desde quando recebe essa denominação.

Os personagens locais, no planejamento inicial eram apenas sete, mas à medida que o trabalho foi acontecendo passaram a ser nove, cujos perfis descrevo a seguir.

Terezinha Bernardino

Nascida em 22 de julho de 1952, natural de Nova Cruz/RN, mora na comunidade objeto deste documentário desde seu nascimento e não tem pretensão de sair de lá.

Desde os 8 anos de idade, Terezinha obtém na agricultura familiar o seu sustento. A exemplo de outros entrevistados, ela não conheceu outra forma de subsistência que não fosse através do cultivo da terra.

Alfabetizada na idade adulta, frequentou na adolescência, e por poucos anos, a escola pública da comunidade de Jatobá. Não se lembra de ter aprendido, na época, as letras nem os cálculos, mas relembrou com saudade a primeira professora Bita. Maria José ou Bita, como era chamada, foi também uma das personagens deste trabalho e será apresentada adiante.

Terezinha, além de ser mãe da autora deste documentário, foi peça-chave para obtenção desses resultados, pois é uma grande conhecedora da memória local, incentivadora da preservação destas histórias e esperançosa quanto à continuidade do referido povoado rural.

Aos domingos, a sua casa se torna um retrato do passado, com os netos a rodeando no terreiro e seus filhos e filhas sentadas no alpendre a conversar e contar causos. Seu companheiro de todas as horas no balanço da cadeira a olhá-la com um afeto disfarçado de frieza e seriedade.



Figura 1 - Terezinha e família, primeira pessoa à esquerda

Conversar com ela foi e sempre será uma experiência inenarrável. Seu sorriso tímido, mas sincero, revela a mulher guerreira e generosa que é. Guerreira pela resistência física e cultural; generosa por compartilhar não apenas bens materiais com desapego, mas também suas memórias vivas com a universidade e com a comunidade.

Maria Irene Guedes

Aos 78 anos, dona Irene chegou ao Jatobá com apenas seis meses de vida, vinda de Belém/PB junto com os pais. Pouco tempo depois, o pai abandonou a família e a mãe se tornou responsável por conseguir o sustento para os filhos na agricultura. Por causa disso, Irene, ainda criança, teve que se tornar responsável pelo lar enquanto a mãe e os irmãos trabalhavam no roçado. Com 16 anos casou-se com Dimas, que tinha 17 anos, e juntos tiveram seis filhos.



Figura 2 - Irene e Dimas Guedes

Passaram por muita dificuldade financeira no início do casamento, tempo em que moravam em outra localidade, só puderam se mudar para o Jatobá quando Antônio, irmão de Irene, ofereceu uma propriedade para vender. Mesmo sem dinheiro suficiente, compraram um pequeno pedaço de terra, onde construíram a herança que vão deixar para filhos e netos.

O casal cria gado e cultiva na terra, além disso, teve uma pequena bodega durante algum tempo. Na década de 1990, cederam um pedaço de terra para ser um campo de futebol para o time do Grêmio, comandado pelo filho, Antônio. O local foi referência durante muito tempo como ponto de encontro para a população assistir aos jogos nos domingos.

Dona Irene estudou até a terceira série e só aprendeu a escrever o nome e a ler, mas muito pouco. Por isso, sempre incentivou os filhos e netos a estudarem, tanto que, hoje, tem muito orgulho de ver a neta formada em psicologia e dona de uma clínica.

Os mais de vinte minutos de entrevista com Irene fluíram sem dificuldade numa conversa muito esclarecedora e natural. Agradeço muito o acolhimento de toda família Guedes para execução deste trabalho.

Antônio Guedes

Filho de Irene e Dimas, Antônio tem 58 anos e sempre trabalhou como motorista. Por doze anos coordenou o time de futebol amador Grêmio, um dos mais famosos da região circunvizinha ao Jatobá, ainda hoje, após quase vinte anos desde o encerramento das atividades.



Figura 3 - Antônio Guedes treinador do saudoso time amador Grêmio

A equipe formou-se na década de 1980 na comunidade vizinha, Xique-Xique, com outro técnico e jogadores. Embora mantenha a fama de glorioso, o time passou por alguns percalços ao longo da trajetória. A primeira foi a mudança do campo onde os jogos eram realizados, por duas vezes. E a segunda, ao enfrentar a decepção dos jogadores que não receberam o prêmio de um torneio em que foram vencedores.

Foi a partir deste torneio que o time fez seu nome na história do futebol de Nova Cruz. Antônio recorda com orgulho de ter participado da equipe na competição que se

tornou um marco. Organizado pelo então deputado Tarcísio Ribeiro, no ano de 1996, o torneio recebeu equipes de todo município e teve como grande campeão o Grêmio do Jatobá. A premiação foi uma taça e o valor de R\$700, dividido apenas para alguns jogadores vindos da cidade deixando os participantes da comunidade sem nada.

A postura adotada pelo presidente do time desagradou os fiéis participantes, que, por causa disso, abandonaram a equipe, e o time foi mais uma vez paralisado. Algumas datas relatadas durante a entrevista são incoerentes, por isso não há como precisar a partir de quando Antônio começou a comandar o time. Mas a certeza é que de fato aconteceu após este fatídico episódio.

Ao chegar de um curto período de trabalho no estado de São Paulo, o motorista comprou um caminhão e, aproveitando a existência do campo no terreno do pai, resolveu resgatar a equipe, que resistiu até o ano de 2004. Período em que a maior parte dos jogadores migrou para outras cidades.

O técnico lembrou com um sorriso no rosto alguns episódios marcantes, como no ano em que, segundo ele, o time permaneceu invicto. Mas também recordou um acontecimento dramático, a vez em que, por ocasião de um jogo numa comunidade distante, o trator que levava a equipe ficou atolado dentro do Rio Curimataú, e os passageiros fizeram o trajeto de volta em, aproximadamente, 5 horas caminhando.

Quando o Grêmio existia, as tardes de domingo em Jatobá eram referência de lazer na região. "Vinha gente de todo canto", enfatizou Antônio. E destaca também que todos os feitos foram alcançados sem recursos nem patrocínio, o time se mantinha apenas com a contribuição dos próprios jogadores e da arrecadação nas partidas. "Era aquela coisa, a gente gostava do futebol e todo mundo contribuía".

Joel Fernandes

Com 52 anos, Joel, ou Doda como é mais conhecido, é agricultor e mora no Jatobá desde que nasceu. A mãe, dona Cecília Fernandes, também jatobaense, casou-se com um primo que morava numa comunidade vizinha. O casal construiu uma casa e formou uma família. Cecilia convive hoje com as consequências do mal de Alzheimer e o marido faleceu há mais de vinte anos.

Joel contou que só estudou até a oitava série (9º ano) e não conseguiu continuar porque precisava conciliar os estudos com o trabalho no roçado. Trabalhava durante o dia e frequentava a escola a noite, a rotina era muito pesada e optou por continuar apenas no roçado, que era onde conquistava a subsistência.



Figura 4 - Joel Fernandes em sua residência

Chorou ao lembrar da infância e as dificuldades que passou, mas apesar de tudo, ressalta que foi bom morar todos esses anos no Jatobá. Assim como outros moradores, ele não entende muito bem o que aconteceu para a comunidade estar tão despovoada e sem perspectivas de melhora.

Porém sugere que o fator desemprego contribuiu para o afastamento dos mais jovens, principalmente para o sudeste, região para onde os irmãos dele viajaram em busca de melhores condições de vida.

Lamentou que não haja mais nenhuma diversão na região. Boi de reis, João Redondo, as brincadeiras mais comuns, ficaram apenas na lembrança. Havia ainda a tradição religiosa dos terços de maio, trinta e um dias de oração para a virgem Maria que movimentavam as noites dos jovens e adultos de um sítio para outro durante todo o mês.

De tudo que me falou em pouco mais de dezoito minutos de conversa, uma afirmação me tocou especialmente, quando disse: “Se fosse para voltar ao passado, eu diria assim: só quero voltar ao passado se for para viver como vivo hoje”. Essa

frase foi a que mais me marcou, porque me fez refletir sobre como a infância no século passado era diferente da que nossas crianças vivem atualmente.

Braz Orrico

O senhor Braz Orrico, no auge dos seus 70 anos, concluiu recentemente o ensino médio e já vislumbra novas oportunidades na carreira de corretor de imóveis. Enquanto fala dos planos promissores para o futuro, Braz recorda com saudade dos tempos em que vivia na antiga fazenda da família, Várzea Nova, situada no ponto mais alto do povoado de Jatobá retratado neste documentário.

Braz, emocionado, mostra álbuns antigos com fotos datadas do início do século XX, com anotações feitas a punho por sua mãe, Itália Orrico, descendente de italianos que vieram para Nova Cruz no final do século XIX. Quando chegou ao Brasil, a família Orrico comprou terras e formou uma grande fazenda onde era conhecido por Pai Domingos, em 1888.

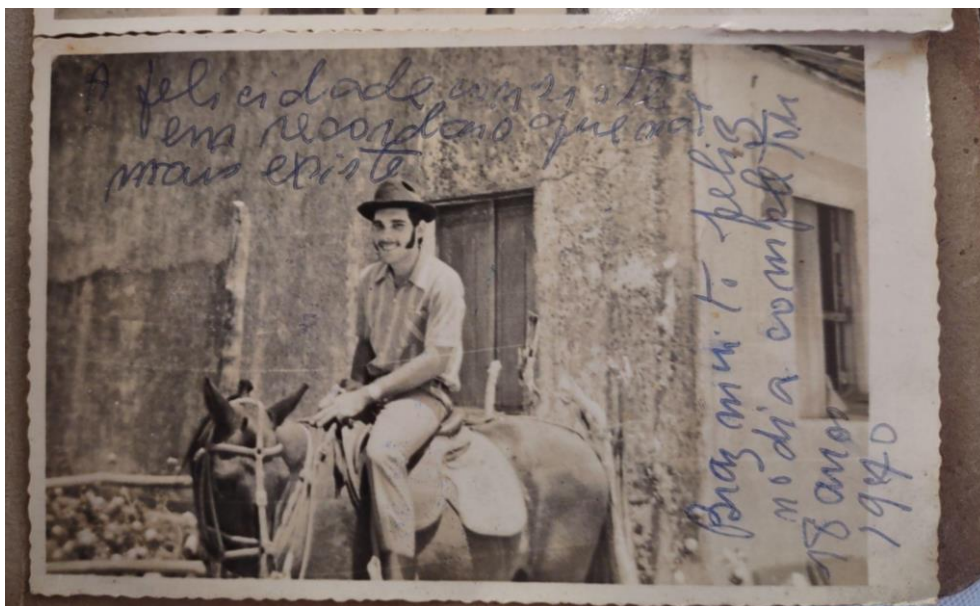


Figura 5 - "Braz muito feliz no dia que completou 18 anos (1970) "

O patriarca da família Orrico também era dono de um casarão no centro da cidade, e nas visitas à fazenda, Itália conheceu e se apaixonou pelo vizinho de cerca, Severino Rodrigues, filho de Hermenegildo Rodrigues dono de fazendas em Várzea do milho, Caitatu e Várzea Nova, terras que juntas formariam uma nova cidade.

Quando Itália, chamada carinhosamente de dona Bibi, se casou com Severino Rodrigues, o jovem casal foi morar na casa grande da fazenda Várzea Nova,

propriedade que o rapaz herdou do pai. Ali, o menino Braz cresceu, ao lado de suas irmãs Rosa e Amélia, rodeados por cavalos e bois, no povoado do jatobá.



Figura 6 - Braz Orrico e esposa durante entrevista

Ele lembra do início da povoação daquela comunidade e relata a importância daquela fazenda para o sustento de muitas famílias locais. Havia, segundo ele, uma casa de farinha que atendia àquela população, também seu pai arrendava hectares de terras a pequenos agricultores para o cultivo do feijão, do milho, da mandioca, da batata doce e algodão.

Braz falou-me da importância das reservas de água presentes nas propriedades de sua família. O açude de Várzea Nova matava a sede dos animais, mas também de muita gente. Na época, sua água era doce e era reservatório de muitas espécies de peixes, alimento para as pessoas da região. Seu pai, Severino, permitia a pesca, mas com algumas restrições.

Havia também uma reserva verde, hoje quase inexistente, que servia para o fornecimento de lenha para as casas de farinha e cozinhas. Geralmente, os fazendeiros cediam uma faixa de mata virgem para que os agricultores desmatassem

e, em seguida, cultivassem lavouras, em troca de parte da safra. Depois tudo se transformava em pasto para os rebanhos.

Quando se casa com a jovem Gizélia, poucos anos depois deixa de vez a vida rural e fixa moradia no núcleo urbano, na residência onde mora até os dias atuais. Mas nunca se esqueceu de antigos moradores e amigos que ficaram no Jatobá, como: Terezinha e suas irmãs, vizinhas de cerca da fazenda; as filhas de Zacarias; Cícero Bezerra, vaqueiro da fazenda e grande amigo.

Ainda cita como nomes importantes para o desenvolvimento local, o senhor Manoel Firmino, dono de uma das primeiras bodegas na localidade, onde jogava sinuca com os amigos e tomava “cerveja quente”. Outro destaque foi seu Luiz Roque, dono de uma antiga mercearia, comércio que vendia de tudo, desde alimentos, bebidas e cereais a tecidos para as senhoras costurarem seus vestidos de chita. O estabelecimento ficava na grande fazenda pertencente à família Roque, com residência atual na cidade.

A fazenda Várzea Nova já não pertence mais à família Orrico há muitos anos. O novo proprietário é o advogado e pecuarista Antônio de Melo. Brás, neto de um provável primeiro morador do Jatobá, contribuiu grandemente com informações sobre as origens desse lugar, sendo fundamental para a realização deste trabalho.

Maria José Ramalho

A primeira professora que a Escola Municipal Dezuíta Maria da Costa conheceu tinha apenas 15 anos, mas mesmo com a pouca idade mostrou capacidade e vocação para ensinar. Paulo Freire ficaria orgulhoso se soubesse que seu método de alfabetização estava sendo usado em outro interior do Rio Grande do Norte dez anos depois de implementado.

O senhor Manoel Berto Ramalho, precisou mudar a idade da filha no registro de nascimento para dezoito anos, a fim de que ela pudesse lecionar na escola da comunidade. Bitá, como é mais conhecida por todos, acabara de terminar o Logos I e II, uma espécie de ensino médio técnico voltado para o magistério, implantado durante a ditadura militar, na década de 1970, para professores de áreas rurais que atuavam como docentes. (ARAÚJO, 2022)

Independente da pouca idade e formação, Bitá tinha o que chamamos de vocação. Numa época em que frequentar a escola era para poucos, seu Manoel Berto e dona Maria das Mercedes não pouparam esforços para que a filha estudasse. E foi

no lombo de um cavalo indo do sítio para a cidade três vezes por semana, que ela conseguiu concluir o ensino básico. Cujas formações a possibilitou ter um futuro diferente dos jovens de sua época, muitos ainda se tornaram seus alunos.

Para começar a ensinar na escola recém construída, a jovem teve que bater de porta em porta convencendo os pais de que as crianças precisam aprender ao menos a ler e escrever o nome. No início, não foi nem um pouco fácil, mas com empenho e perseverança ela conseguiu formar uma turma com trinta alunos, depois mais uma, depois outra...

Dessas turmas, pelo menos três alunas passaram a ser colegas de trabalho e, posteriormente, assumiram as turmas que ela deixou, quando se mudou com a família para outro estado. Uma destas concluiu o mestrado em educação e atua hoje como coordenadora pedagógica na escola da comunidade do Xique-Xique.

Sempre tive curiosidade de saber quem era a professora que minha mãe lembrava com tanto carinho. Antes de conhecê-la, esperava encontrar uma senhora idosa com seus oitenta e tantos anos, já que ensinou à outra mulher de setenta. Mas quebrei a expectativa ao me deparar com uma professora aposentada no auge de seus 72 anos (oficialmente).

Uma pessoa muito doce e amável, mas firme e dedicada; nesse ponto a descrição prévia que sempre recebi não falhou. Por outro lado, as marcas do tempo e o cansaço das preocupações da vida estão a transformá-la na senhora idosa de cabelos grisalhos e pele enrugada que se desenhava na minha imaginação.

Com tamanha vivência, a entrevista se transformou numa aula de 30 minutos, onde pude ver o retrato de uma época. Não à toa esta foi a entrevista mais longa em todos os sentidos, pois cruzei a fronteira com a Paraíba e cheguei ao Jatobá de Jacaraú/PB, mais próspero e repleto de gente. Comunidade rural para onde Bitá se mudou e trabalhou até a aposentadoria em 2002, após sair do Jatobá de Nova Cruz em 1982.

Nessa aventura, enfrentei junto com minha equipe de ajudantes (mãe, irmão e sobrinho) chuva forte, estradas esburacadas em cerca de duas horas de viagem. Mas não me arrependo nem um pouco, pois a experiência se compara a um sonho de infância: viajar ao passado e ver como era o tempo de minha mãe quando criança.

Agradeço imensamente a recepção calorosa e o acolhimento que recebi de Bitá, primeira professora que Jatobá conheceu.



Figura 7 - Bitá, professora, é a segunda pessoa à direita.

Regina Francisco

Completamente lúcida aos 88 anos, Regina é Paraibana de Belém, chegou em Jatobá com cinco anos junto com os seis irmãos também crianças. Os pais moraram em várias cidades até fazer parada no interior de Nova Cruz. Compraram uma terra e nela começaram uma vida nova. Os sete filhos herdaram cada um uma fatia desse total, da qual alguns multiplicaram a pequena fortuna, Luiz, o único dos irmãos ainda vivo, que Regina chama de pai, foi um deles.

A fazenda de seu Luiz Roque ainda preserva a casa comprida construída pelos pais em 1953. No passado, havia uma casa de farinha ao lado da residência que servia aos moradores de todos os sítios vizinhos. As farinhadas, processo de produção da farinha de mandioca, eram um dos momentos de trabalho que se transformava em diversão. A família Roque possui grande parte das terras que fazem parte do território do jatobá.

Dona Regina acredita que o sítio cresceu muito nessas oito décadas, agora vivendo no núcleo urbano do município, ela revela que se pudesse ainda moraria no

Jatobá, lugar que ela tanto ama. Lembra com muito carinho de sair de casa para rezar os terços de maio com as amigas. Essa era sua festa preferida.

Estudou com Bita pouco tempo antes de ela se mudar e aprendeu a escrever o nome e ler um pouco da bíblia com dificuldade, mas para isso contou também com a ajuda de Eliza. Outra entrevistada neste trabalho, que mesmo sem ser professora ensinava o que sabia, cobrando apenas pelo gás da lamparina.

Generosidade que dona Regina replicou, oferecendo abrigo na cidade para os conterrâneos da comunidade, desde que se mudou por volta de 1977. Não importava quem fosse, nem o motivo que o tinha levado à cidade, a casa de Regina era parada quase obrigatória para tomar água, um café, almoçar, descansar ou conversar enquanto resolviam os problemas na cidade. Essas visitas às vezes duravam semanas e sempre eram bem recebidas.

Uma mulher religiosa que pratica o amor ao longo da vida, talvez na tentativa de oferecer ao próximo aquilo que a vida não lhe deu. Recorda com tristeza da infância “sofredora” que viveu, e dos anos de fome em que vivia da agricultura.



Figura 8 - Frame da entrevista com Regina Francisco

Dona Regina é inspiração de fé e generosidade, apesar de todo sofrimento que passou na vida, consegue sorrir e levar a vida com leveza e esperança de dias melhores, inclusive para o Jatobá, que segundo ela “não vai acabar, porque Deus é bom”.

Eliza Casado Alves

Filha de Zacarias ou Zaca como é mais conhecido, um dos moradores mais conhecidos da comunidade. Dona Eliza, aos 82 anos, é mais uma agricultora que não teve infância nem oportunidade de estudar. Só podia frequentar a escola nos meses do final do ano, quando o trabalho no roçado diminuía, enfrentando uma boa caminhada até a escola do sítio Lagoa da Cruz, ela conseguiu estudar até a terceira série e aprendeu a assinar o nome e fazer uma carta.

Os filhos tiveram a chance que ela e o marido não tiveram, Antônio foi aprovado no concurso público e se tornou o primeiro Agente de Saúde do Jatobá, outra filha foi uma das primeiras professoras formadas na escola local. Maria Eunice estudou com Bitá na E. M. Dezuíta Maria da Costa e seguiu os passos da mentora na educação, preparando diversas crianças para o ensino fundamental II na cidade, inclusive esta aluna que escreve a pesquisa.

Eliza é uma mulher firme, moldada pela dureza da vida, que não hesita em se posicionar quando questionada sobre qualquer assunto. Vinda de uma família de 12 irmãos, ela aprendeu a enfrentar dificuldades com a cabeça erguida, inspirada no exemplo dos antepassados.



Figura 9 - Eliza Casado Alves em frente a residência

O pai, Zacarias Casado Alves, era jatobaense de nascença e a mãe, Severina Maria da Conceição chegou do estado do Pará aos nove anos, junto com a mãe e mais seis irmãos. Josefa Maria, mãe de Severina, precisou pedir ajuda ao governo do Pará para voltar à sua terra natal, o Jatobá, depois de uma febre que lhe tirou o marido e outros três filhos. Conseguiu passagens num navio e trouxe os filhos para criar ao lado do irmão, Antônio Pedro.

Eliza aprendeu desde cedo a conviver com as perdas e poucos ganhos que a vida lhe proporcionou. E baseada nas vivências que teve, entende que o que ocorreu com o sítio em que mora é apenas o ritmo natural da vida. Ela acredita que o Jatobá não vai acabar, “porque quando for acabar esse povo mais velho, já tem os mais novos que vão ficando. Não pode crescer mais, mas tem [gente] ainda. ”

Antônio de Sousa

Tem 61 anos de idade e trinta como Agente Comunitário de Saúde da comunidade, ofício que lhe conferiu a oportunidade de ser uma ponte entre a população e a saúde pública, uma conquista árdua até os dias atuais.

A partir do trabalho que desenvolveu, Antônio consegue enxergar Jatobá dividido em três fases: a primeira diz respeito ao tempo em que era criança, eram poucas casas e pouca gente morando nelas; a segunda é a na década de 1990 quando começou a trabalhar como ACS, e percebeu que de toda sua área de atendimento, Jatobá era a maior e mais desenvolvida comunidade; e como última fase essa em que vivemos.

Cerca de 215 pessoas moravam no sítio quando ele foi vinculado ao posto de saúde de Lagoa Limpa, comunidade próxima do centro urbano, para onde as populações do jatobá e vizinhança precisavam se deslocar para conseguir atendimento médico.

Esse problema da distância foi resolvido quando veio o projeto de construção de uma nova unidade básica para atender a área. E apesar de jatobá ter sido cotado para sediar a instalação, foi em Xique-Xique que o posto de saúde foi construído. A explicação dos governantes da época era de que na comunidade vizinha havia mais crianças, motivo que justifica a construção da unidade.

Diferente da maioria dos entrevistados deste documentário, Antônio foi o único que atribuiu aos governantes uma parcela de culpa pela situação em que a comunidade se encontra atualmente. “Os governantes é quem contribuem para que uma comunidade cresça ou não cresça. Se não tiver o dedo de um governante, a coisa não funciona”.

Foram 15 minutos de conversa na qual passeamos por vários assuntos: saúde, políticas públicas e juventude. Revisitamos a época em que as pessoas simples não tinham condições de ter televisão e as conversas no terreiro eram o entretenimento mais acessível .



Figura 10 - Antônio de Sousa, Agente Comunitário de Saúde

Algumas destas pessoas já estavam presentes na ideia inicial deste documentário, outras foram surgindo ao longo da produção. Dona Luiza Francisco, 93 anos, era uma das personagens principais devido ao tempo de vida mais extenso no lugar e a habilidade de conversar espontaneamente sobre qualquer assunto. Mas, infelizmente, a família não permitiu a entrevista, alegando que ela tinha problemas cardíacos, os quais poderiam ser agravados com o esforço.

Este e outro fato me deixaram profundamente triste e desestimulada. No dia anterior a uma das pré-entrevistas, faleceu o senhor João Estevam, marido de “dona Lico”, vítima de um infarto. O casal seria peça importante nessa história, mas devido a fatalidade resolvi não incomodar a família durante o luto.

Houve ainda pessoas que não puderam participar por indisponibilidade de tempo no período de produção, como aconteceu com o historiador e a professora Maria Lila Fernandes, que estudou com Maria José (Bitá) na escola da comunidade e depois também se tornou docente, assumindo a vaga deixada pela colega.

5. RELATO DA EXPERIÊNCIA

A ideia de tema que tinha para o Trabalho de Conclusão de Curso antes de fazer a matrícula na disciplina era de um trabalho em dupla com um colega, que seguia a mesma linha de pensamento deste. Iríamos produzir juntos uma série de reportagens sobre a segregação espacial e social da zona norte de Natal em relação às demais regiões da cidade.

Usar o documentário sobre a história do Jatobá não era uma opção até então, mas ao observar a relação de proximidade entre os temas, e ouvir de diversas pessoas que o TCC deve ser algo da realidade do aluno, concluí que era chegada a hora de tirar essa ideia da cabeça, colocá-la no papel e posteriormente, executá-la. Assim o fiz.

Inicialmente, o objetivo era produzir um minidocumentário com menos de 10 minutos, mas ao ver tantas histórias interessantes e ricas, não resisti a estender a duração e explorar um pouco mais da vida dos personagens, afinal, a história pessoal deles é parte importante da memória coletiva do lugar, que certamente teve início com seus pais e avós.

Foi muito gratificante realizar este trabalho, não só porque era um desejo de infância, mas sobretudo porque com essa experiência pude fazer algo pela minha comunidade, aliando a graduação em jornalismo e o interesse em mostrar como é a vida nos interiores do Brasil.

Não foi fácil executar as etapas deste trabalho em meio à rotina de estágio, bolsa e depois trabalho, mas quando o tema é da nossa realidade as coisas fluem mais facilmente. Além disso, ainda estávamos atravessando o período de pandemia da Covid-19, e apesar do avanço na vacinação alguns cuidados sanitários eram necessários, como o uso de máscara em algumas entrevistas e distanciamento em gravações internas.

No entanto, na somatória geral da experiência são mais motivos para agradecer do que reclamar, recebi muito apoio dos moradores na iniciativa e informações valiosas em conversas de bastidor, que não se tornaram entrevistas, mas foi de grande valia para a pesquisa.

Foram muitas as instituições visitadas em busca de informações oficiais, que pudessem me ajudar a construir ligações entre os pontos relatados de maneira

informal. Mas na principal delas, a prefeitura municipal, enfrentei muita dificuldade para conseguir ao menos uma direção para onde seguir.

Ao chegar ao prédio do poder executivo municipal fui bem recebida, mas não obtive nenhuma informação. A primeira sala que entrei foi no setor de arquivo, o lugar onde, ao menos em teoria, deveria abrigar os documentos que buscava. Porém, as expectativas foram frustradas quando o funcionário relatou que este tipo de documento que buscava, certamente não estaria lá, já que as únicas pastas guardadas são da gestão atual.

Ainda tentei a sala de recursos humanos na esperança de a funcionária entender o caso e me indicar alguém para entrevistar. Negativo! Além de me desencorajar a continuar a busca pelos documentos, ela sugeriu que as únicas fontes seriam os moradores, pois segundo ela “não existem registros sobre comunidades rurais”. Não acreditei e continuei insistindo, desta vez na Câmara Municipal.

A casa legislativa municipal me recebeu com muita prestatividade, mas não dispunha de condições favoráveis para ajudar. Os cadernos antigos de ata das sessões no plenário referentes aos anos 1940 estavam amontoados e empoeirados numa sala, sem nenhum tipo de organização. Somente de 2000 até os dias atuais estavam em estantes numeradas e organizadas. Por isso, não foi possível efetuar nenhum tipo de pesquisa por documentos sobre a criação do Jatobá.

Por outro lado, as funcionárias do arquivo indicaram os vereadores mais antigos que poderiam dar algum tipo de contribuição, e foi com um desses que consegui contato com o fiscal da infraestrutura, João Maria que prontamente aceitou dar entrevista e falar o que sabia sobre o lugar.

Mas além da prefeitura e câmara, ainda busquei o sindicato dos trabalhadores rurais e o IBGE. Apesar de ser uma instituição muito forte para as comunidades desde 1961, no STTR existiam apenas registros de pagamento da contribuição dos trabalhadores.

Encaminhei ao IBGE um pedido para acessar os resultados dos primeiros Censos demográficos, que são realizados desde 1872, para a região específica do Jatobá, mas as informações das pesquisas mais antigas não eram tão abrangentes e setorizadas como o são atualmente. Por isso, não foi possível obter, por exemplo, o número de moradores que existiam na localidade no início do século XX, tampouco analisar a pirâmide etária da população local.

Outro local visitado foi o cartório de registro de propriedades, o estabelecimento disponibilizou o livro de escritura de terras mais antigo para consulta. Nele, existe o registro, no ano de 1921, de uma propriedade de posse de Manuel Pereira de Lucena situada no lugar denominado de Jatobá. Não foram encontrados nenhum parente ou outra pessoa que soubesse quem foi este senhor, mas esta informação reforça a proposição de que Jatobá já tinha este nome desde início do século XX.

A sede da paróquia do município também foi procurada, para fornecer algum dado da comunidade, visto que a igreja Católica é a religião predominante no local, mas a mesma não contribuiu com a pesquisa, pois, de acordo com o funcionário presente no local no momento a visita, Jatobá nunca teve nenhum templo religioso e por isso não haveriam informações registradas relevantes para este trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirada num desejo de infância, resolvi me aventurar no universo do audiovisual. Fiz inúmeras descobertas, dentre elas a de que produzir um trabalho deste porte sozinha é uma tarefa árdua e cheia de prejuízos, mas que também pode ser muito satisfatória, pois revela o quanto podemos nos desafiar e aprender com nossos erros.

Descobri que o jornalismo não está só na pauta, na entrevista ou no telejornal... Ele também está nas conversas de calçada, nas estradas de barro do Jatobá, nas memórias de dona Maria ou nos problemas de seu Zé. E essa é a profissão que me escolheu.

Venci a barreira da timidez para me apresentar aos vizinhos e amigos como jornalista, e falar sobre um tema que atravessa minha trajetória e de tantas outras meninas e meninos “do sítio”: a desigualdade social vivenciada pelas pessoas que moram em zonas rurais em relação às da zona urbana.

Embora a abordagem não tenha trabalhado diretamente o tema, fica perceptível através dos depoimentos vestígios de tempos difíceis, marcados pela fome, desemprego e analfabetismo. *Jatobá: raízes de uma história* revela vidas comuns, que dizem muito sobre um Brasil escondido nos interiores. São inúmeras realidades diferentes dentro de um único país.

Este documentário fala sobretudo da migração de nordestinos para a região Sudeste. Muitos dos jovens jatobaenses do início deste século, insatisfeitos com a falta de emprego e renda no interior resolvem migrar para as grandes capitais em busca de melhores condições de vida.

Com este trabalho espero ter contribuído para encurtar a distância entre a academia e as zonas rurais deste país, fazendo mais uma filha de agricultores graduada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E respondendo à pergunta que norteou a edição deste projeto. Se Jatobá um dia vai acabar, digo com certeza que não sei, mas finalizo com os versos do cordel de Jailma Félix:

“Se todo mundo partir
À tua história fui fiel
E as futuras gerações
Vão te conhecer num papel”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eliseu; SOUZA, Geraldo da Silva e; MARRA, Renner. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**. 20. mai. 2011. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/910778/1/Exodoesuacontribuicao.pdf> Acesso em: 14 de abril de 2022

ARAÚJO, Rodrigo Wantuir Alves de. **A profissionalização do magistério leigo potiguar**: Projeto Logos II no RN (1976 - 1986) 2022. 267 f. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRN, Natal, 2022

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra**. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2009. Disponível em: <https://doceru.com/doc/xxe0ce> Acesso em: 19 de junho de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 15 de abril de 2022.

_____. Padrão de Registro de Endereços: definições e orientações de uso. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101639.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2022

_____. Mapa de Biomas do Brasil. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/estudos-ambientais/15842-biomas.html?=&t=downloads>. Acesso em: 29 de junho de 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2005

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **o documentário como gênero audiovisual**. 2002. Comum. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/17207> . Acesso em: 15 de maio de 2022.

MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks/Pdf/978-85-397-0803-1.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.

NOVA CRUZ. Decreto nº 108/2021, de 03 de agosto 2021. **Diário Oficial do Município de Nova Cruz**, Poder Executivo, Nova Cruz, RN p. 37. Disponível em: https://novacruz.rn.gov.br/diario/333/2021_2021_0000001.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2022

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC, 2008.

APÊNDICE A

Desde o século XIX
Conta-se esta história:
Uma árvore frondosa
Viva hoje na memória
Majestosa, assistiu
O iniciar de uma trajetória.

Onde e com quem começou
Não se sabe bem ao certo
Vou situar no espaço
E você diz se é longe ou perto
Lá pras bandas do Nordeste
No Brasil já descoberto.

Bem no agreste potiguar
Mata a dentro desbravado
Pouco a pouco surgia
Em Nova Cruz um povoado
Que se chamou Jatobá
De onde tudo é contado.

Conto dos primeiros passos
Percorridos neste chão
Por gente sincera e contente
Que vivia em comunhão
Numa época longínqua

Cordel

Que logo faço descrição.

Nos arredores de uma fazenda
De várzea Nova chamada
Por dono Hermenegidio
Filho de gente abastada
Pequenos agricultores
Começam Ali a jornada.

No trabalho nas lavouras
Debaixo de um sol ardente
Dali que vinha o sustento
De um povo tão carente
Veio os Tempos do algodão
Que empregava muita gente.

É preciso esclarecer
Um fato bem singular
Na história de origem
Da comunidade Jatobá
A chegada de estrangeiros
Vindos da Itália para cá.

Esse cordel podia ser
Uma história de amor
Da bela Itália Orrico

Casada com o senhor
Severino Rodrigues
Que aquela fazenda herdou.

Fizeram benfeitorias
Para muitos do lugar
Tinha a casa de farinha
Para o povo trabalhar
E terras para o cultivo
Assim se pôde plantar.

A base da economia
Era gado e agricultura
Matas virgens e roçados
Era esta a estrutura:
Feijão, milho, algodão
Mandioca era a cultura.

Também agave e batata
Tinha muita produção
E a pescaria no açude
Foi sustento e diversão
Tudo isso eu me lembro
De conversas no oitão.

Dos terços do mês de maio
E das grandes romarias
Uns iam por devoção

Outros pelas marias
Ali não havia tristeza
Eram noites de alegrias.

Contam muito das bodegas
Pontos de referência
A de seu Mané Firmino
E também da concorrência
A bodega de seu Luiz
Homem de muita decência.

Das brincadeiras de criança
De prosear com o irmão
O Boi de reis era festança
As cavalhadas, diversão
João Redondo... Que saudade
Da cultura e tradição.

Conta-se do futebol
Num passado glorioso
De jogos inesquecíveis
Com jogador talentoso
E da gigante torcida
Desse time fabuloso.

Jatobá foi um modelo
De zelo à educação
Na pedagogia do amor

Preciso fazer menção
À Bitá, professora
Que ficou no coração.

Lembrada com carinho
Educou uma geração
Foi a nossa pioneira
E nasceu com vocação
Não usou de palmatória
Pois ganhou admiração.

Jatobá dos encontros
Dos bailes ao raiar do dia
Do povo alegre, do artilheiro
Da escola que eu conhecia
Da cultura e do progresso...
Quem roubou tua magia?

É mais um que já teve
Como tantos nesse chão
Ganhou escola, poço d'água
Teve até associação
Ainda que o governo
Só visse a gente na eleição.

Um a um foi retirando
No tal êxodo rural
À procura de emprego

Em alguma capital
Pois ficou muito difícil
Sorrir com a fome brutal.

O Jatobá despovoando
Foi perdendo importância
No contexto eleitoral
Gente de muita ganância
Não tinham mais interesse
Num curral sem abundância.

E até os dias atuais
Nosso sítio vive assim
Gente vai e não volta mais
Outros voltam e acham ruim
Mas tem também quem não troque
Jatobá nem por Berlim.

Se pergunto se era triste
Lembra apenas que chorou
Às vezes por falta d'água
Ou foi pão que lhe faltou
Mas um sorriso no rosto
Em todo tempo plantou.

E se um dia vai acabar?
Eu preservei num cordel
Se todo mundo partir

À tua história fui fiel
E as futuras gerações

Vão te conhecer num papel.

APÊNDICE B

PERGUNTAS PARA MORADORES MAIS ANTIGOS

NOME COMPLETO:

IDADE:

PROFISSÃO:

APELIDO:

- QUAIS ANTEPASSADOS SEUS TAMBÉM MORARAM AQUI?
- **O QUE SABE SOBRE A HISTÓRIA DO JATOBÁ?**
- DE ACORDO COM O QUE VOCÊ SABE, QUEM FORAM OS PRIMEIROS MORADORES DAQUI?
- ME DIGA O NOME DE PESSOAS MARCANTES NA HISTÓRIA DESSE LUGAR? QUEM VOCÊ SE LEMBRA QUANDO EU PERGUNTO ISSO?
- **SABE O PORQUÊ DE SE CHAMAR JATOBÁ?**
- CONHECE A ÁRVORE DE MESMO NOME?
- HÁ QUANTOS ANOS MORA AQUI?
- COMO FOI VIVER TODOS ESSES ANOS AQUI? MORA AQUI POR OPÇÃO?
- O QUE VOCÊ ACHA DA VIDA EM JATOBÁ?
- **COMO ERA A VIDA AQUI NA SUA INFÂNCIA?**
- E HOJE EM DIA, O QUE MUDOU?
- ESTUDOU NA ESCOLA AQUI DO SÍTIO?
- TRABALHOU COM O QUE QUANDO JOVEM?
- COMO CONSEGUIA O SUSTENTO DA FAMÍLIA?
- A MAIORIA DAS PESSOAS VIVIA DA AGRICULTURA, O QUE A MAIORIA PLANTAVA?
- QUAL O LADO BOM E O RUIM DE TRABALHAR NA ROÇA?
- E HOJE EM DIA, VIVE DO QUE?
- **DIZEM QUE ESSE JÁ FOI UM LUGAR ANIMADO, CHEIO DE GENTE, MAS HOJE EM DIA NÃO É MAIS. O QUE VOCÊ ACHA QUE ACONTECEU PRA QUE HOJE ESTEJA ASSIM: SEM MOVIMENTO, NEM GENTE?**
- **O QUE EXISTIA ANTES POR AQUI, QUE HOJE EM DIA NÃO TEM MAIS E VOCÊ TEM SAUDADE?**
- DE QUEM É A CULPA PELA COMUNIDADE TER FICADO ASSIM?
- COMO PODEMOS MUDAR ESSA REALIDADE? OU VOCÊ GOSTA DO JEITO QUE ESTÁ?
- **ACREDITA QUE O JATOBÁ VAI ACABAR?**

- **OU ISSO JÁ ACONTECEU?**

**PERGUNTAS DIRECIONADAS ÀS PRIMEIRAS PROFESSORAS DO COLÉGIO DEZUÍTA
MARIA DA COSTA**

- QUAL É A SUA FORMAÇÃO, CURSO, GRAU ETC?
- TAMBÉM ESTUDOU NA ESCOLA DA COMUNIDADE?
- QUEM FOI SUA PROFESSORA?
- QUANDO COMEÇOU A ENSINAR NA ESCOLA DAQUI?
- E QUANTO TEMPO PASSOU?
- QUEM ERAM AS COLEGAS DE TRABALHO? QUANTAS TURMAS E QUAIS ANOS?
- COMO ERA O ENSINO DA ÉPOCA, QUAL ERA O FOCO DA EDUCAÇÃO?
- NO GERAL, A COMUNIDADE ERA PARTICIPATIVA NA ESCOLA?
- QUAIS ALUNOS VOCÊ ENSINOU, QUE CHEGARAM A FAZER FACULDADE?
- PORQUE A ESCOLA FECHOU?

PERGUNTAS PARA O TREINADOR DO TIME GRÊMIO

- QUANDO SURTIU O TIME DA COMUNIDADE?
- QUANTOS ANOS ELE DUROU?
- E ACABOU PORQUÊ?
- COM QUANTOS ANOS COMEÇOU A FAZER PARTE DA EQUIPE, QUAL ERA A SUA POSIÇÃO?
- QUEM FORAM OS PRINCIPAIS JOGADORES DA SUA ÉPOCA? EM QUE POSIÇÃO ELES JOGAVAM? ELES ERAM BONS?
- O TIME TINHA PATROCÍNIO? SE NÃO, COMO SE MANTINHA?
- QUAL ERA A FAMA DO TIME? COMO ERA CONHECIDO?
- ONDE FICAVA O CAMPO?
- EM QUE DIAS TINHA JOGOS?
- MUITA GENTE DE FORA VINHA ASSISTIR?
- COMO ERA ESSE DIA?
- TINHA TORNEIOS TAMBÉM?
- ANTES DESSE TIME TEVE OUTROS, O QUE VOCÊ SABE SOBRE ELES?